

**P**OUCO TEMPO depois do nascimento do seu filho Steven, Lindy Kunishima reuniu suas filhas, Trudi, de 13 anos, e Jennifer, de 9, na sala de estar de sua casa em Honolulu.

«Quero contar a vocês uma história», disse-lhes esse descendente de samurais japoneses nascido nos Estados Unidos da América. «Cer-

SENDO o único filho homem, Steven ocupava um lugar de honra. Suas duas irmãs não paravam de mimá-lo desde o dia em que nasceu, em setembro de 1982.

Mas quando fez 6 meses, a mãe começou a se preocupar. Professora primária, Geri Kunishima não conseguia entender por que o filho continuava a acordar várias vezes

**Os médicos afirmavam que Steven nunca mais voltaria a andar ou a falar. Mas não estavam contando com seus pais e suas irmãs, nem com a coragem do menino.**

# UMA FAMÍLIA INQUEBRANTÁVEL

JOHN PEKKANEN

to dia, um guerreiro sentou-se com seus três filhos e pegou uma flecha. Pediu a cada um deles que a partisse. Todos o fizeram com facilidade. Então ele apanhou três setas, atou-as com um cordel e colocou-as à frente deles. 'Agora quebrem estas', pediu. Ninguém conseguiu.»

À medida que se aproximava do fim da história, Lindy fixava firmemente os olhos das filhas. «Então o samurai voltou-se para os filhos e observou: «'Esta é a sua lição. Se vocês se mantiverem unidos, nunca serão derrotados.'»

durante a noite. Chorando de fome, tinha de ser alimentado. Por outro lado, seu comportamento durante o dia também era estranho. Ficava parado onde quer que Geri o colocasse, raramente fazendo qualquer movimento ou ruído. «Ele não se parece nada com as meninas quando tinham aquela idade», queixou-se ela ao pediatra.

«Ora, a senhora está é ansiosa demais», respondeu ele. «Steven está crescendo bem. As garotas é que têm uma tendência para se desenvolverem mais depressa.»

Mas, aos 18 meses, o menino ainda não andava nem falava e no princípio de 1984 Geri decidiu levá-lo a um neurologista. Uma tomografia revelou que o vermes do cerebelo, uma parte do cérebro que transmite mensagens de e para os músculos do corpo, não se tinha desenvolvido.

Essa doença, a que se dá o nome de hipoplasia dos vermes, explicava a razão por que os músculos de Steven eram flácidos. Explicava também por que ele acordava com tanta frequência à noite: os músculos de sua língua eram fracos demais para ele conseguir deglutir o leite em quantidade suficiente para se satisfazer.

«**S**RA. KUNISHIMA», informou o neurologista, «receio que seu filho nunca venha a andar, falar, ou fazer qualquer outra coisa que requeira controle muscular.»

Lutando para conter-se, Geri perguntou de que forma a doença poderia afetar a inteligência da criança. «Ele vai ter um grave retardamento», foi a resposta do médico.

Abalada pelo diagnóstico, Geri não foi capaz de comer nem dormir durante dias. À noite, Trudi e Jennifer ouviam os soluços abafados da mãe e as palavras meigas do pai tentando consolá-la.

A própria Jennifer, agora com 11 anos, lutava contra suas emoções. Era uma excelente aluna e uma bem-dotada atleta, com muitas amizades. Embora gostasse muitíssimo de Steven, não conseguia enfrentar a idéia de seus amigos saberem que ti-

nha um irmão que não era perfeito. Por isso, evitava falar dele quando estava com seu grupo.

Trudi era igualmente uma estudante ótima e uma menina extremamente empreendedora. Já com 15 anos, estava mais preparada que sua irmã para aceitar as limitações de Steven, embora intimamente se interrogasse até que ponto elas efetivamente iriam. Um dia, ao tentar aliviar a tristeza de sua mãe, ela resolveu pôr em causa o prognóstico médico. «Mamãe, eu simplesmente não acredito no que o médico disse sobre o Steven. Jen e eu vemos um brilho nos olhos dele. Você não pode desistir assim. Ele não terá chance se você entregar os pontos.»

As palavras da filha forçaram Geri a desassombrar sua combalida coragem. Convocou uma assembléia familiar para a mesa da cozinha.

«Estive pensando no que a Trudi me disse hoje», começou ela. «Quando vocês eram pequenas, seu pai e eu líamos muito para as duas. Achávamos que isso iria estimular suas mentes e ajudá-las a adquirir mais vocabulário. Acho que devíamos fazer o mesmo pelo Steven.»

«Perfeito!», concordou Trudi com entusiasmo.

«Vamos ler para ele todas as noites sem falta», prometeu Jennifer.

No dia seguinte, enquanto Geri preparava o jantar, Trudi estendeu um cobertor sobre o chão da cozinha de azulejos brancos e sentou o irmão no chão, apoiando-o contra almofadas. Como o pequeno não conseguia manter a cabeça erguida

por muito tempo, Trudi aninhou-a em seus braços e começou a ler-lhe uma história de um livro infantil.

Na noite seguinte, leu outra, e outra na noite após essa, até aquilo se transformar num ritual de meia hora presente em todas as horas de jantar. Além da leitura, Jennifer e Trudi faziam perguntas a Steven e apontavam para animais ou pessoas ilustrados nos livros. Semana após semana, porém, a criança continuava a fixar apaticamente um ponto no espaço. «Ele nem sequer presta atenção nas ilustrações», pensou a mãe. «Será que vamos ser capazes de fazer desabrochar o que há nesta criança?»

**«E**STÁ na hora da nossa leitura, Steve», anunciou Trudi, aconchegando-se com o irmão no chão da cozinha. Após três meses de leitura, o menino ainda não tinha dado nenhum sinal. Raramente se movia. Nessa noite, porém, torceu-se todo para sair de cima das almofadas.

«Olhe só o Steven!», exclamou Trudi para a mãe. Ficaram estupefatas a vê-lo arrastar-se pelo chão da cozinha. Engatinhando até os livros que se alinhavam junto da parede, começou a mexer desajeitadamente num deles.

Incapaz de virar as páginas com seus dedinhos, batia no livro com as mãos. Quando abriu uma página cheia de desenhos de animais, parou, olhando para ela durante muito tempo. Depois, tão depressa como se tinha aberto, o mundo de Steven voltou a fechar-se.

Na noite seguinte, a cena se repetiu. Enquanto Jennifer se preparava para ler, o irmão engatinhou até o mesmo livro e abriu-o com tapinhas, até parar na mesma página.

«Steven tem memória», maravilhou-se Geri.

Por essa altura, ela tinha tirado licença no emprego para poder se dedicar ao filho. À medida que os meses passavam, ele reagia cada vez mais às leituras noturnas. Do estudo que tinha feito sobre seu caso, Geri sabia que outras partes do cérebro podem compensar uma área afetada. «Talvez seja isso que está acontecendo com ele», pensou.

Tanto Trudi como Jennifer aprendiam piano, e agora tinham por hábito sentar o irmão sob o instrumento enquanto tocavam. Certo dia, depois de Jennifer ter nele estudado sua lição, pegou Steven ao colo, tirando-o de seu lugar habitual. O garoto estava emitindo um som novo. «Ele está trauteando a música que ouviu!», gritou Jennifer para os pais. «Steven, você sabe música, não sabe?», perguntou ela. O rosto da criança abriu-se num sorriso.

Ao mesmo tempo, a família se esforçava para tonificar os músculos do menino. Lindy frequentou aulas numa escola especializada e aprendeu a massagear os braços e as pernas do filho. Geri, Trudi e Jennifer passavam manteiga de amendoim nos lábios do pequeno. Ao lamber o doce, muitas vezes ele exercitava a língua e o maxilar. Além disso, davam-lhe chicletes para ele mastigar e penas para soprar. Pouco a pou-

co, os músculos flácidos do rosto de Steven começaram a se fortalecer.

Com 4 anos e meio, ele ainda não conseguia pronunciar palavra, mas já emitia sons como «aaah» e «uaaa». Com a ajuda de um voador, já conseguia ficar em pé e dar pequenos passinhos lentos e vacilantes. Mas demonstrava ter uma memória visual surpreendente. Depois de estudar a figura de um quebra-cabeça de 300 peças, conseguia montá-lo de uma só vez.

Apesar disso, foi rejeitado por todos os jardins-de-infância em que a mãe o inscreveu. Geri acabou levando Steven a Louise Bogart, diretora da escola Robert Allen Montessori.

Louise ficou observando Steven, enquanto ele engatinhava pelo chão de seu escritório. O menino ergueu a cabeça, tentando falar com a mãe. «Aaaah... aaah», repetia continuamente, gesticulando insistentemente. Louise percebeu a aflição e a frustração que se espelhavam em seu rosto, mas viu mais qualquer coisa: Steven estava determinado em fazer que o compreendessem.

«Sra. Kunishima», disse a diretora, «teremos muito prazer em receber Steven em nossa escola.»

Nos meses que se seguiram, ele continuou a fazer progressos lentos. Certa manhã, em seu segundo ano na escola Montessori, estava brincando distraído com uns blocos sobre um tapete. A diretora se afastou para o lado e ficou observando a professora trabalhar com números com outra criança.

«Que número vem depois?», perguntou ela.

A criança não respondeu.

«Vinte», disse de repente Steven.

A diretora sentiu a cabeça rodar. Ele não só tinha respondido, como havia dado a resposta correta.

Aproximando-se da professora, perguntou a ela: «O Steven já estudou isso?»

«Não», respondeu a moça. «Trabalhamos com ele com números, mas só de 1 a 10. Não sabíamos que tinha aprendido depois de 10.»

Quando Geri foi buscar o filho na escola, Louise a pôs a par do acontecido. «E isso é só o princípio do que ele será capaz de fazer», afirmou a diretora.

**L**INDY, certa noite, estava levando Jennifer a seu primeiro jogo de basquetebol pela escola, e ela sentia um aperto na boca do estômago. Steven, agora com 7 anos, ia sentado em silêncio no banco de trás, limitando-se a observar o trânsito.

O amor que ela sentia pelo irmão continuava forte como sempre fora, mas Jennifer continuava a tentar ocultar sua deficiência, o que cada vez se tornava mais difícil. Dois anos antes, Steve havia aprendido a falar e sua fala revelava seus problemas. «Por favor, papai», murmurou Jennifer, «não deixa o Steven gritar durante o jogo.»

Mas, quando a partida começou, o menino deixou-se levar pelo entusiasmo. «Vai, Jennifer!», gritou, no seu modo de falar lento e entrecortado. Jennifer se encolheu de ver-



*A partir da esquerda, Steven, Geri, Jennifer, Lindy e Trudi Kunishima.*

gonha, sem olhar para o irmão. Sabia que estava virando-lhe as costas, que não estava sendo a forte terceira flecha. Mas não conseguia evitar.

Em casa, porém, dedicava todo seu carinho e atenção ao menino. Suas capacidades motoras ainda eram limitadas, pelo que Jennifer, Geri e Trudi se esforçavam muito para que seus garranchos se tornassem legíveis. «Eu sou capaz», assegurou Steven certo dia a Jennifer. «Só preciso de tempo.»

Para Steven, o maior desafio de todos era se deslocar. Já tinha caído tantas vezes que seus joelhos eram crivados de cicatrizes. Apesar disso, nunca chorava quando caía. Até brincava com a coisa. Uma vez, ao calçar uns chinelos, caiu. Voltou-se para os pais e, com olhos risonhos, disse: «Lá vão dois chinelos voadores!»

«**E**U PRECISO de verdade ir a esse campo de férias», pediu Jennifer ao diretor de sua escola, num dia de março de 1991. «É muito importante para mim.»

O Campo de Férias de Paumalu funcionava durante quatro dias duas vezes por ano, e seu objetivo era ajudar os estudantes a enfrentar desafios, desenvolver capacidades de liderança e vencer seus medos e problemas. Jennifer tinha começado a entender que tinha um enorme obstáculo a enfrentar: o tormento que a tornava incapaz de mencionar Steven a seus amigos.

Certa tarde, ela estava passeando pelo campo com um colega quando sentiu que seu problema vinha à tona. As palavras saíram-lhe atropeladas: «Tenho um irmão», confessou. «Nunca fui má para ele, mas jamais quis enfrentar o fato de ele não ser normal. Sempre quis fazer de conta que sua deficiência iria passar.» Depois de desabafar, a jovem sentiu que um enorme peso lhe sairia dos ombros.

No último dia do campo, cada estudante escrevia numa tábua o medo ou o problema que pretendia vencer e depois a quebrava com a mão ou com o pé, eliminando sim-

bolicamente o obstáculo. Jennifer pôs em letras bem grandes sua preocupação numa tábua e depois tentou parti-la, mas foi só na quinta pancada que se ouviu o estalo da madeira quebrando-se ao meio.

No dia seguinte, ao chegar em casa, ela atirou os braços ao pescoço da mãe. «Estou livre, mamãe», exclamou, «estou finalmente livre!»

Aceitava agora Steven. Nesse outono, durante o primeiro jogo de basquetebol da temporada, ela voltou a ouvir sua voz torcendo por ela. Voltou-se para o irmão e acenou para ele com alegria. «Afim, as três flechas estão bem unidas», pensou o pai.

**S**TEVEN freqüentou a Escola da Santíssima Trindade durante três anos. Embora ainda registrasse algumas dificuldades de aprendizagem, sua fala e escrita tinham melhorado substancialmente, tornando-se completamente normais, e seus movimentos físicos eram quase normais. Hoje com 11 anos, ele acompanha o nível próprio de sua idade. Conseguir andar e saltar e, tal como Jennifer, também começou a jogar basquetebol.

Em 1992, ele atraiu a atenção de

Lynne Waihee, a mulher do governador do Havaí, John Waihee. A primeira-dama havia presidido a um programa chamado «Leia para Mim», que encorajava as pessoas a lerem para as crianças. Impressionada pela forma como a leitura tinha auxiliado Steven, ela tomou as providências necessárias para que a Secretaria de Ensino homenageasse a família Kunishima.

Numa recepção na mansão do governador, em dezembro de 1992, Geri apresentou Steven e ele contou a mais de 200 chefes de zona sua luta ao longo dos anos. Foi ovacionada de pé.

Em março passado, a seção havaiana da Cruz Vermelha Americana entregou a Lynne Waihee seu Prêmio Humanitário de 1993. Ela pediu a Steven que escrevesse a dedicatória em seu programa do jantar de entrega de prêmios. Steven ficou pensando durante horas no que havia de dizer. Por fim, esclareceu resumidamente o que a leitura significava para ele, e, ao fazê-lo, estava explicando o triunfo da família Kunishima. «Ler é importante», escreveu o rapaz. «Minha família leu para mim e, por isso, agora já consigo ler.»

---

### ***Prudência e caldo de galinha...***

CONVERSA num escritório de advogados:

— Que idade tinha a sua falecida tia?

— Noventa e seis.

— E estava em seu juízo perfeito?

— Amanhã eu te digo quando abrirem o testamento.

— István Varga Jr., Hungria